

Caminhos e descaminhos da pesquisa e da inovação nas universidades

É praticamente inquestionável o papel das universidades brasileiras no desenvolvimento científico e tecnológico de nosso país. Vivenciamos ainda um modelo onde a inovação nacional depende basicamente do conhecimento produzido nas escolas, principalmente oriundos das atividades ligadas à pós-graduação strito sensu. Poucos centros exclusivamente dedicados à pesquisa se consolidaram no país, e a produção científica oriunda da iniciativa privada é ainda pouco significativa, embora com casos de merecido destaque nacional e internacional.

Temos um sistema de pesquisa e pós-graduação que é considerado bem regulado e avaliado, sendo por alguns citado como modelo a ser seguido. Porém, sua lógica ainda está ligada ao princípio da quantidade. É melhor avaliado quem publica mais artigos, e em revistas de maior impacto. E as revistas de maior impacto recebem essa qualificação pelo número de vezes que seus artigos são citados por outros autores. O mais gera sempre mais. Isso não quer dizer necessariamente que os resultados advindos dessas pesquisas tenham impacto realmente significativo na sociedade, incrementando a qualidade de vida das pessoas.

Presos neste ciclo vicioso nefasto, muitos pesquisadores são pressionados a produzir em quantidade cada vez maior, e publicar seus artigos em revistas com fator de impacto cada vez maior. Não importa muito se a sociedade e o setor produtivo em geral terão ou não acesso e aproveitamento imediato das inovações produzidas. E às vezes nem se tratam de inovações significativas.

Este tem sido um questionamento corrente em muitas escolas produtoras de conhecimento científico contundente em nosso país. Mesmo em áreas de ciências aplicadas, os pesquisadores estão tão pressionados pelas exigências dos órgãos de regulação e avaliação, que muitos enveredaram para a pesquisa básica, de forma a poder publicar seus artigos em revistas de maior impacto. Frequentemente seus resultados são inéditos, descobertas que preenchem lacunas do conhecimento teórico, mas para que seus resultados dêem frutos concretos para a sociedade, anos, ou mesmo décadas, são ainda necessários. Naturalmente, não há que se fazer crítica à pesquisa básica, que é essencial para o avanço da ciência. Mas este sistema nefasto em que vivemos em nosso país tem inibido os pesquisadores das áreas que deveriam produzir ciência diretamente aplicada.

Recentemente, outros tipos de produção, como registros de patentes, têm sido aceitos e até bem considerados pelas agências oficiais. Mas a falta de patentes não é só um problema cultural em nosso país. Infelizmente, como percebemos, ser pesquisador no Brasil é praticamente um ato altruísta, um caso de amor e abnegação, uma doação de si mesmo à causa da ciência, que requer coragem.

Pelas razões já mencionadas e muitas outras já conhecidas pelos pesquisadores, desenvolver ciência de qualidade é uma arte que requer requintes de paciência além do que pesquisadores de países desenvolvidos sequer conseguem imaginar.

O acesso às escassas verbas de fomento não é fácil; as exigências de publicação quantitativa e o ciclo vicioso dos processos seletivos impedem que muitas mentes criativas possam por em ação suas idéias, principalmente em áreas aplicadas. Se o pesquisador não faz parte de um forte grupo que tem um grande número de publicações, ele não consegue verba significativa. Se ele não consegue verba significativa, ele dificilmente vai conseguir consolidar um grupo de pesquisa forte. Não se trata aqui de levantar um muro de lamentações, mas apenas de constatar a triste realidade vivenciada por muitos pesquisadores.

Uma vez obtida a verba, outro grande obstáculo é a burocracia do Estado, que praticamente trata o pesquisador como potencial bandido, e cria empecilhos e entraves que chegam à beira do absurdo para os parâmetros civilizados, no uso da verba destinada ao fomento da pesquisa. Isso quando o pesquisador tem "sorte" e a verba é depositada a tempo de não se perder o trabalho planejado. Planejar a orientação de estudantes de pós-graduação nestas condições se torna um processo digno de levar o pesquisador aos limites de sua tolerância.

Além destes transtornos, temos ainda os efeitos do chamado 'custo Brasil', que onera, burocratiza e atrasa sobremaneira a compra de reagentes, sobretudo os importados. Quem não conhece pesquisadores que, assim como eu, já não perderam amostras importantes ou outros materiais biológicos, às vezes raros e únicos, por problemas com aduanas, questões de licenças sanitárias, ambientais, entre outras, por pura burocracia.

Ser pesquisador no Brasil é de fato uma arte. Como nos enche os olhos e a alma quando conhecemos a realidade de institutos e universidades da América do Norte e da Europa, e ficamos sabendo, ou mesmo vivenciamos durante nossos estágios de doutorado e pós-doutorado, a agilidade e facilidade com que se faz pesquisa nesses países. Enche-nos a alma porque temos esperança de um dia chegarmos também nesse nível.

Para o momento, uma alternativa que os pesquisadores brasileiros não devem desprezar, pelo contrário, buscar com maior atenção, é a

parceria com o setor produtivo, muito pouco explorada em nossa cultura. Ou ainda, mesmo com as dificuldades que encontramos em produzir pesquisa significativa com verbas públicas, buscar desenvolver idéias que tenham aplicação e impacto positivo direto para a sociedade. Alguns exemplos de sucesso de iniciativas como essas encontramos nessa edição da Dynamis. Temas como biocombustíveis, qualidade de vida de nossos idosos, aprimoramento do desenvolvimento de plantas, otimização da gestão dos resíduos químicos, desenvolvimento de quimiosensores, e estudo das alterações comportamentais induzidas por drogas lícitas, como o álcool, são questões relevantes e de grande importância para o desenvolvimento social e econômico. Com criatividade, usando nosso talento tão reconhecido nas instituições de pesquisa dos países desenvolvidos, e as características peculiares que ajudam a formar a personalidade geral do brasileiro, estamos caminhando, mesmo que a passos menos velozes do que desejaríamos, mas seguros, rumo à realização do sonho do pesquisador altruísta, que é poder contribuir com a minoração das mazelas humanas.

Prof. Dr. Caio Maurício Mendes de Cordova
Chefe do Depto. de Ciências Farmacêuticas
Universidade Regional de Blumenau - FURB